IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

SEXUALIDADE, IDENTIDADE E DIFERENÇAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Eixo Temático EIXO 19 - INFÂNCIAS, GÊNERO E SEXUALIDADES: RESISTÊNCIAS POSSÍVEIS EM TEMPOS DE RETROCESSOS

Bárbara Tatiane Santos Carvalho [1]
Rosinalva Neres Rocha[2]
Fabiane Batista Cândido [3]
Fábio Pinto Gonçalves dos Reis [4]

RESUMO

Apresentaremos um relato de experiência sobre a inclusão e problematização da sexualidade, identidade e diferenças (gênero, raça, etnia, gerações e religiosidades) no currículo da Educação Física escolar. A partir da obra *Corpos em ebulição na educação infantil:* borbulhas de poder, controle e vigilância na expressão das sexualidades das crianças pequenas, buscou-se trazer esses temas emergentes para a formação de estudantes dos cursos em uma instituição pública do Sul de Minas Gerais. O estudo resultou no desenvolvimento de metodologias e práticas pedagógicas que favorecem a abordagem da educação para a sexualidade na Educação Infantil, possibilitando uma leitura ampliada da realidade escolar.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Relações de Poder na Educação; Sexualidade; Gênero; Formação Docente.

[1] Mestre do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras- UFLA, carvalhobarbarats@gmail.com;
[2] Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras - UFLA, rosinalva.rocha@estudante.ufla.br;
[3] Mestre do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras- UFLA, fabianebcandido@gmail.com;
[4] Doutor pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal de Lavras- UFLA,fabioreis@ufla.br.

INTRODUÇÃO

Na Educação Infantil os temas sobre gênero e sexualidade, as diferenças sexuais composto pela identidade e diferença vêm sendo incorporados ao debate social com crescente atenção, especialmente sob perspectivas que defendem uma abordagem respeitosa, emancipadora e livre de estigmas. Tanto Joan Scott (1995) afirma que a temática de gênero emergiu por meio de um processo analítico sobre como a sociedade compreende as diferenças sexuais, quanto Guacira L. Louro (2004) acrescenta que "grande parte dos estudos sobre gênero engloba questões sobre a sexualidade" (p. 90).

Para Butler 91990), o gênero, principalmente, não é um simples fato ou condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias são materializadas. E tais normas se fazem presentes neste nicho de ensino, o constituindo, criando discussões do e sobre o cotidiano.

Este artigo relata uma experiência de docência voluntária na disciplina "Experiências Formativas na Educação Física da Educação Infantil", ofertada a discentes de Educação Física e Pedagogia da UFLA, onde buscamos levantar questões sobre como debater gênero e sexualidade nos currículos de Educação Infantil, se faz necessário. A partir da obra *Corpos em ebulição na educação infantil:* borbulhas de poder, controle e vigilância na expressão das sexualidades das crianças pequenas, buscou-se trazer esses temas emergentes para a formação de estudantes dos cursos em uma instituição pública do Sul de Minas Gerais

A proposta metodológica articulou a ação-reflexão-ação, ancorada pelo capítulo em tela, e as Pedagogias das Infâncias. Foram desenvolvidas atividades de debate, apreciação de materiais impressos, e rodas de conversa com os estudantes, buscando atrelar tais conhecimentos a noções do Jogo, a corporeidade, as múltiplas linguagens e o papel do professor de Educação Física frente ao cenário atual do não debate destes conceitos dentro da educação.

A vivência permitiu aos licenciandos experimentar, na prática, os desafios presentes na docência da Educação Infantil, destacando a relevância de propostas formativas que estejam em sintonia com o contexto escolar (Ângelo; Batista; Carvalho, 2024). Dessa forma, reforça-se a urgência de uma formação inicial que promova experiências pedagógicas intencionais, fundamentadas e sensíveis.

Conclui-se que a docência voluntária constitui um espaço formativo significativo, ao favorecer a integração entre teoria, à prática e as vivências relatadas pelos alunos no decorrer do processo de estágios, e ao promover reflexões sobre o papel do educador na construção de uma Educação Física mais democrática, inclusiva e humanizada.

METODOLOGIA

Este estudo apresenta-se como um relato de experiência com enfoque qualitativo, inserido no âmbito das investigações de caráter formativo e reflexivo, voltadas para a análise de práticas pedagógicas em contextos reais de atuação docente. Ao privilegiar os significados construídos pelos sujeitos em suas vivências, a pesquisa qualitativa permite uma compreensão mais profunda dos fenômenos educacionais, especialmente quando orientada por uma perspectiva crítica (Martins, 2022).

A experiência formativa foi realizada no âmbito da disciplina *Experiências Formativas na Educação Física da Educação Infantil*, sob orientação docente, para alunas/os matriculadas/os no 5º período do curso, como também de alunas/os do curso de Pedagogia que realizam a disciplina no formato de eletiva. As atividades foram distribuídas entre observações sistemáticas, momentos de planejamento, intervenções práticas e registros reflexivos. A produção dos dados envolveu diferentes instrumentos, como diários de campo, registros fotográficos, planos de aulas e anotações sobre as interações entre os graduandos e a equipe docente.

Dentre esses instrumentos, a observação científica, Martins (2022), se encontra incorporada em nossa vida diária, impregnada, “de nossa trajetória de vida, valores, escolhas e compromissos. Ela está baseada tanto na condição humana dos pesquisadores quanto dos sujeitos participantes da pesquisa” (p. 54).

Por se tratar de uma atividade vinculada à formação inicial docente, sem caráter experimental ou diagnóstico, não foi necessária a submissão ao Comitê de Ética. Ainda assim, todos os cuidados éticos foram rigorosamente observados, sobretudo no que diz respeito à confidencialidade das informações, ao respeito à dignidade dos envolvidos e ao uso responsável dos registros.

A opção metodológica adotada fundamenta-se na concepção do cotidiano acadêmico e escolar como espaço privilegiado para a formação e a investigação, em que a prática ganha sentido e se transforma em conhecimento a partir da reflexão crítica. Como destaca Martins (2022), a pesquisa na formação docente deve abarcar as múltiplas dimensões do ensinar e do aprender, comprometendo-se com uma educação mais humanizadora, contextualizada e inclusiva.

REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo das premissas, de que os debates sobre gênero e sexualidade enfrentaram, especialmente a partir de 2018, diversas restrições, acompanhadas de tentativas de criminalização de professores/as, políticos/as e pesquisadores/as. Essas ações foram impulsionadas por grupos de orientação reacionária, que, com base em visões tradicionais e religiosas, buscaram promover alterações nos currículos escolares e resistir a avanços recentes. Tais temas, no entanto, passaram a ocupar um lugar fundamental no cenário educacional brasileiro, sendo considerados indispensáveis para crianças, jovens e adultos/as.

Tal discurso se apresenta como um projeto de poder, que busca minar a relação com os corpos, e a expressão da sexualidade desses sujeitos, a partir de uma abordagem reacionária voltada à restringir ou neutralizar os progressos e mudanças relacionados a gênero, sexo e sexualidade nos currículos atuais. De acordo com Reis (2016), o poder atua na constituição dos corpos, cria significados, e modos de ser homem e mulher, criança e jovens na nossa sociedade, o que ao final cria-se papéis inteiramente sociais que nos constituem enquanto sujeitos.

Foucault (1984) aponta que nada está isento de poder, sendo algo que influencia, funciona e atua nas relações e nos espaços educativos. Porém é necessário aos professores se atentarem no âmbito das relações sociais, como citado por Reis (2016, p. 58), “no lugar que as meninas ocupam nas brincadeiras em relação aos meninos, nas atividades pedagógicas que são elaboradas por adultos e impostas às crianças”.

Utilizando a metáfora "Corpos em ebulição” o autor buscou analisar as regras de controle dos corpos nas instituições de educação infantil, as regras de comportamentos,

o monitoramento, a disciplinarização e a dominação imposta a estes alunos. Por meio da distribuição geográfica e arquitetônica das salas, do pátio, da sala das/os diretoras/os, sendo todos "estrategicamente pensados para garantir a obediência das crianças e aperfeiçoar a utilização do tempo" (2016, p. 59). Esse posicionamento busca reforçar valores e concepções ultraconservadoras, na direção de preservar o estatuto de autoridade moral de instituições religiosas, escolares e proteger a influência sociopolítica do indivíduo.

Esta metáfora, portanto, busca conjecturar criticamente, as mediações, as vivências e o olhar docente que são anunciados sobre os corpos das crianças na Educação Infantil. Sendo assim estes corpos, são aqueles que fervem, aquecem, estão em agitação, efervescência, conflito iminente, reação, revolta, euforia, movimentação .

E tais corpos produzidos no ambiente escolar são mais disciplinados, e/ou "controlados por uma política constante de controle, contenção, imobilidade, submissão, vigilância. Em decorrência disto, surge uma cultura produzida *para* as crianças, remetendo a um conjunto de manifestações culturais — como livros, filmes, músicas, jogos, programas de TV, brinquedos, entre outros — criados por adultos com a intenção de entreter, educar, formar ou comunicar algo ao público infantil.

Isto acaba resultando em produções culturais destinadas ao público infantil, em sua maioria, são concebidas a partir de uma visão adulta sobre a infância, refletindo aquilo que os adultos acreditam ser adequado, educativo ou desejável para as crianças consumirem e aprenderem. Nesse processo, constroem-se representações específicas do que é ser criança, frequentemente marcadas por estereótipos como a "criança comportada", o "menino valente" ou a "menina delicada".

Tais produções atuam como instrumentos de socialização, reforçando valores, normas e expectativas sociais que moldam identidades desde os primeiros anos de vida. No entanto, essa cultura infantil muitas vezes assume um caráter normativo e pedagógico, revelando uma compreensão limitada e direcionada da infância, que tende a silenciar as vozes e experiências reais das próprias crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados empíricos, oriundos da experiência docente voluntária na disciplina possibilitou a compreender a emergência de se debater o gênero e a sexualidade nos currículos de Educação Física na Educação Infantil, e como a Pedagogia dos corpos a partir da metáfora dos "Corpos em Ebulição".

Outro ponto levantado é a necessidade de se pensar a posição dos corpos das crianças no interior deste processo institucional, debatendo com as mesmas questões acerca da prevenção a violência física, psicológica e sexual, principalmente por parte dos familiares na educação das/os filhas/os, o divórcio, as família ditas "fora do padrão normativo", a diversidade religiosa, raça, classe social, e demais temas que segundo a lógica anti gênero, deveria ser excluídos das discussões nas escolas.

Diante dos enfrentamentos cotidianos, destaca-se que o grupo de alunos que cursaram esta disciplina no ano de 2024, ao longo dos encontros, inicialmente apresentou posicionamentos baseados em códigos culturais tradicionais relacionados a gênero e sexualidade. No entanto, a partir das intervenções realizadas, os participantes passaram a se sentir mais acolhidos e gradualmente se mostraram mais abertos a outras perspectivas, questionando as fronteiras de gênero de maneira mais crítica e reflexiva.

Levando em conta a temática da sexualidade, pontuou-se a mesma como uma construção histórica, social e política, relacionada ao poder e a regulação dos corpos, principalmente o de meninas e mulheres, com variações que podem ser contextualizadas no decorrer das aulas de Educação Física, como bem pontua Reis (2016).

Segundo o mesmo autor, "o trabalho com a temática da sexualidade tem se caracterizado ora pelo silêncio, ora pela predominância do enfoque biológico e psicológico" (Reis, 2016, p. 68). Sendo necessário, repensar os processos e as práticas educacionais, questionando mentiras e verdades no que diz respeito ao tema. Sendo assim, trabalhar visando uma "educação para as sexualidades", conceito abordado pela professora Constantina Xavier Filha (2009), que faz parte da obra de Ribeiro; Alvarenga (2014).

Tal enfoque implica reconhecer a pluralidade das vivências humanas no campo do desejo, do corpo e das identidades. A autora propõe uma abordagem que vai além da visão biologizante e normativa, tradicionalmente presente nas práticas escolares, ao defender uma educação comprometida com o respeito às diferenças, ao diálogo e à

desconstrução de preconceitos de gênero e sexualidade. Nesse sentido, a educação para as sexualidades não se restringe à prevenção ou à orientação reprodutiva, mas se configura como um campo político e pedagógico que busca ampliar a compreensão sobre as diversas formas de ser, viver e se relacionar (Constantina Xavier Filha, 2009). Trata-se, portanto, de promover uma formação ética e crítica, que permita aos sujeitos o reconhecimento de si e do outro em sua integralidade, contribuindo para a construção de relações mais justas, livres e inclusivas no espaço escolar e na sociedade.

Problematizo assim, a sexualidade, a imposição de crenças, valores mas sim convivendo com o diferente, respeitando-o e o compreendendo como sujeito de direitos. Além de não compactuar com as discriminações, homofobia, e distinção de nenhum sujeito, seja por conta da sua raça, identidade sexual, de gênero, sua religião, ou cultura, fazendo que as crianças sejam participantes ativas neste processo, como construtoras de cultura.

A partir da lógica de um trabalho pedagógico feito *com* as crianças, onde se remete a um tipo de produção cultural que envolve a participação ativa das próprias crianças no processo de criação e construção dessa cultura. Isso significa que as crianças assumem um papel ativo na criação e construção da cultura a que pertencem, sendo co-autoras de suas expressões culturais e não apenas destinatárias passivas de conteúdos elaborados por adultos. Nesse processo, suas experiências, interesses, valores e imaginação são valorizados, permitindo que manifestem suas identidades e formas singulares de ver e interpretar o mundo.

Além disso, essa produção cultural coletiva envolve diálogo, colaboração e troca entre as crianças e, muitas vezes, com adultos, promovendo um ambiente de aprendizagem inclusivo e democrático. Ao reconhecer a infância como um espaço legítimo de criação simbólica, essa abordagem reforça a importância do protagonismo infantil, respeitando suas vozes e ampliando as possibilidades de expressão e socialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de experiência apresentado evidencia a importância de incorporar a problematização da sexualidade, identidade e diferenças — incluindo gênero, raça,

etnia, gerações e religiosidades na Educação Física escolar, especialmente na Educação Infantil. A partir do diálogo com a obra *Corpos em ebulição na educação infantil* e da prática docente voluntária, foi possível promover metodologias que ampliam a compreensão dos futuros educadores sobre as dinâmicas de poder e controle presentes na construção das sexualidades infantis, destacando a necessidade de superar visões normativas e estereotipadas.

Os resultados apontam que, mesmo diante de resistências e preconceitos inicialmente manifestados, a formação docente pode favorecer um acolhimento reflexivo, capaz de desconstruir fronteiras rígidas de gênero e ampliar o entendimento sobre a diversidade humana. Esse processo é fundamental para a construção de uma Educação Física mais democrática, inclusiva e ética, que respeite as múltiplas identidades e experiências presentes no ambiente escolar.

Além disso, o reconhecimento da criança como agente ativo na produção cultural reforça a relevância de práticas pedagógicas que valorizem suas vozes e protagonismo, promovendo um ambiente educativo que dialogue com suas vivências e estimule o respeito às diferenças. Tal abordagem contribui para a formação de educadores sensíveis às questões sociais e comprometidos com a construção de relações justas e igualitárias.

Dessa forma, reforça-se a urgência de incluir a "educação para as sexualidades" na formação inicial e continuada dos profissionais da Educação Física, de modo a garantir um trabalho pedagógico alinhado com os desafios contemporâneos e com a promoção da cidadania plena desde os primeiros anos da escolarização.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González; SILVA, Maurício Roberto da (Org.). **Corpo infância:** exercícios tensos de ser criança por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 374 p.

XAVIER FILHA, Constantina (Org.). ***Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual.*** Campo Grande: Editora da UFMS, 2009.

MARTINS, Ronei Ximenes (Org.). **Metodologia de pesquisa científica:** reflexões e experiências investigativas na educação. Lavras: Ed. UFLA, 2022. 281 p.

REIS, Fabio Pinto Gonçalves dos. Corpos em ebulição na educação infantil: borbulhas de poder, vigilância e controle na expressão das sexualidades das crianças pequenas. *In*: Cláudia Maria Ribeiro, Carolina Faria Alvarenga. (Org.). **Borbulhando**

enfrentamentos às violências sexuais, no sul de Minas Gerais. 1ed.Lavras: UFLA, 2016, v.1, p. 57-76.